Vivemos numa época de enorme sede espiritual. Enquanto a tecnologia avança a um ritmo vertiginoso e o acesso à informação nunca foi tão amplo, milhões de pessoas experimentam um profundo vazio interior. Neste contexto, multiplicam-se as supostas aparições, mensagens do Céu, profecias, videntes, promessas extraordinárias, correntes de oração acompanhadas de alegadas garantias sobrenaturais e todo o tipo de fenómenos que afirmam provir diretamente de Deus, da Santíssima Virgem Maria ou dos santos.

A Internet e as redes sociais multiplicaram este fenómeno até níveis inimagináveis. Todos os dias surgem novas «mensagens urgentes», anúncios do fim do mundo, revelações secretas ou promessas que garantem graças extraordinárias a quem realizar determinadas práticas. Muitos católicos, movidos por uma fé sincera, sentem-se confusos: como distinguir uma graça autêntica de uma manipulação? Onde termina a verdadeira devoção e onde começa a superstição? Um católico é obrigado a acreditar nas aparições aprovadas pela Igreja? Qual é o lugar das revelações privadas na fé católica?

Estas perguntas estão longe de ser secundárias. Dizem respeito a algo essencial: a pureza da nossa relação com Deus.

A Igreja, Mãe e Mestra, reflete sobre esta questão há séculos e oferece critérios seguros, profundamente teológicos e extraordinariamente atuais. Estes critérios permitem-nos caminhar com segurança, evitando tanto o ceticismo racionalista como a credulidade ingénua.

Uma necessidade profundamente humana: Deus continua a falar, mas já disse tudo em Cristo

Desde o início da História da Salvação, Deus falou à humanidade.

Falou através dos patriarcas.

Falou através de Moisés.

Falou através dos profetas.

Mas toda essa revelação encontrou o seu cumprimento numa única Pessoa.

Cristo.

A Carta aos Hebreus começa com uma magnífica declaração:

> *«Muitas vezes e de muitos modos falou Deus outrora aos nossos pais pelos profetas; nestes últimos dias falou-nos por meio do Filho.» (Hebreus 1,1-2)*

Aqui encontramos o primeiro princípio fundamental.

Jesus Cristo não é simplesmente mais um mensageiro.

Ele é a Palavra definitiva do Pai.

Com Ele termina a Revelação Pública.

Tudo o que é necessário para a salvação já foi revelado.

Nada pode ser acrescentado.

Nada pode ser corrigido.

Nada a pode substituir.

Este princípio é absolutamente essencial para compreender o papel das revelações privadas.

O que é exatamente uma revelação privada?

A teologia distingue cuidadosamente dois tipos de revelação.

A Revelação Pública

É a revelação contida:

- na Sagrada Escritura;
- na Tradição Apostólica.

Guardada e autenticamente interpretada pelo Magistério da Igreja.

Foi definitivamente encerrada com a morte do último Apóstolo.

Não haverá outra.

Não pode existir um «novo Evangelho».

Não aparecerá um «quinto evangelista».

Nenhuma mensagem futura completará o Cristianismo.

Porque Cristo é a plenitude absoluta.

As revelações privadas

São intervenções extraordinárias que Deus pode conceder para ajudar os fiéis a viver o Evangelho com maior intensidade em determinadas épocas da história.

Não pertencem ao Depósito da Fé.

Não completam a Revelação.

Não acrescentam novos dogmas.

Não modificam a doutrina.

Não instituem novos sacramentos.

O seu único objetivo é recordar, com especial força, uma verdade já revelada.

Por essa razão, mesmo quando uma revelação privada é aprovada pela Igreja, nenhum católico é obrigado a acreditar nela com fé divina e católica.

Esta distinção surpreende frequentemente muitos fiéis.

Por exemplo, um católico é obrigado a acreditar na Ressurreição de Cristo.

No entanto, não é obrigado a acreditar nas aparições de Lourdes ou de Fátima, ainda que estas sejam plenamente compatíveis com a fé e consideradas dignas de crédito.

O perigo permanente: quando a devoção se transforma em superstição

A superstição não consiste simplesmente em acreditar demasiado.

Consiste em acreditar de forma errada.

São Tomás de Aquino dedica uma profunda reflexão a este tema na *Summa Theologiae* (II-II, qq. 92-96), onde explica que a superstição é um vício contrário à virtude da religião.

É particularmente perigosa porque assume a aparência da religião, ao mesmo tempo que a deturpa.

A superstição surge quando atribuímos automaticamente eficácia sobrenatural a atos, objetos ou fórmulas, como se Deus fosse obrigado a agir.

Por exemplo:

- acreditar que um escapulário salva sem conversão;
- tratar uma medalha benzida como um amuleto da sorte;
- considerar certas orações como «fórmulas mágicas»;
- confiar mais numa suposta profecia do que no Evangelho;
- viver obcecado por mensagens apocalípticas.

Em todos estes casos, Cristo deixa de ser o centro, e o objeto, a mensagem ou o fenómeno extraordinário ocupa o Seu lugar.

A fé transforma-se numa espécie de magia religiosa.

O critério supremo: o Depósito da Fé

Toda a revelação privada deve ser julgada à luz do Depósito da Fé.

Nunca o contrário.

Este princípio é absolutamente inegociável.

Não interpretamos o Evangelho à luz de uma aparição.

Interpretamos qualquer aparição à luz do Evangelho.

Se uma suposta mensagem contradiz:

- a Sagrada Escritura;
- a Tradição;
- o Catecismo;
- os dogmas;
- a liturgia;
- a moral católica,

então simplesmente não pode vir de Deus.

Mesmo que o vidente pareça santo.

Mesmo que ocorram conversões.

Mesmo que se verifiquem fenómenos extraordinários.

Mesmo que milhões de pessoas acreditem nela.

Deus nunca Se contradiz.

Os sacramentos nunca devem ser relegados para segundo plano

Este é talvez um dos critérios pastorais mais importantes.

Sempre que uma suposta revelação leva os fiéis a:

- abandonar a sua paróquia;
- desconfiar de todos os sacerdotes;
- negligenciar a Confissão;
- minimizar a importância da Eucaristia;
- viver apenas à espera de novas mensagens,

essa espiritualidade já começou a desviar-se.

Toda a graça autêntica conduz sempre aos sacramentos.

Nunca os substitui.

A Santíssima Virgem Maria nunca atrairá as almas para Si afastando-as de Cristo.

Nunca pedirá uma espiritualidade independente da Igreja.

Nunca substituirá a Santa Missa por mensagens privadas.

São Tomás e o bem comum: uma chave para o discernimento

Embora possa parecer um tema diferente, o ensinamento de São Tomás de Aquino sobre o bem comum oferece um critério surpreendentemente útil para discernir as revelações privadas.

Para o Doutor Angélico, toda a ação verdadeiramente boa contribui para o bem comum,

porque Deus não salva indivíduos isolados, mas reúne um povo: a Igreja, Corpo Místico de Cristo.

Uma espiritualidade centrada exclusivamente na própria salvação, na obtenção de favores pessoais ou na acumulação de «segredos» espirituais corre o risco de deformar a vida cristã. Quando uma suposta revelação favorece uma mentalidade elitista — «apenas este pequeno grupo conhece a verdade», «só aqueles que seguem estas mensagens serão salvos» — rompe a comunhão eclesial e fomenta uma mentalidade sectária.

O verdadeiro cristão procura a santidade pessoal precisamente para servir melhor Deus e o próximo. A graça não nos fecha sobre nós mesmos; abre-nos aos outros. A verdadeira devoção fortalece a família, a paróquia, a comunidade e a sociedade. A superstição, pelo contrário, alimenta frequentemente o medo, a desconfiança e o isolamento.

O positivismo jurídico e o esquecimento da ordem divina: uma aplicação do pensamento de São Tomás

À primeira vista, falar de revelações privadas e de filosofia do direito pode parecer uma combinação pouco habitual. No entanto, ambos os temas estão unidos pelo mesmo princípio fundamental: a verdade não depende da vontade humana.

São Tomás ensina que a lei humana recebe a sua legitimidade da lei natural e, em última análise, da lei eterna de Deus. Uma lei que contradiz gravemente a ordem moral deixa de ser plenamente justa, mesmo que tenha sido promulgada de acordo com todos os procedimentos legais.

O positivismo jurídico moderno sustenta frequentemente que uma lei é válida simplesmente porque foi promulgada pela autoridade competente, independentemente do seu conteúdo moral. Esta perspetiva facilita a aprovação de leis que atentam contra a dignidade da vida humana, contra a família ou contra a liberdade religiosa.

Algo semelhante pode acontecer também no campo espiritual quando uma pessoa atribui autoridade absoluta a uma suposta mensagem privada apenas porque é emocionalmente comovente, amplamente difundida na Internet ou promovida por alguém aparentemente convincente. Em ambos os casos, um critério objetivo é substituído por um critério puramente subjetivo ou voluntarista.

A Igreja recorda que a verdade possui um fundamento objetivo: a Revelação confiada aos

Apóstolos, autenticamente interpretada pelo Magistério e vivida na Sagrada Tradição. Assim como uma lei injusta não se torna boa simplesmente porque foi aprovada, também uma suposta revelação não se torna verdadeira apenas porque milhões de pessoas a seguem.

Os sinais que a Igreja examina

Quando a Igreja investiga uma suposta aparição, não procura o sensacionalismo.

Examina cuidadosamente numerosos aspetos.

Entre eles:

A conformidade doutrinal

Nada pode contradizer o Evangelho.

Nada pode corrigir o Magistério.

Nada pode modificar a moral católica.

O equilíbrio psicológico do vidente

A Igreja examina atentamente a estabilidade emocional, a sinceridade e o equilíbrio humano do vidente.

Não porque a santidade dependa disso.

Mas porque Deus respeita a natureza humana.

Os frutos espirituais

Jesus ensinou:

> *«Pelos seus frutos os conhecereis.» (Mateus 7,16)*

Produz conversões?

Aprofunda a vida sacramental?

Faz crescer a humildade?

A caridade aumenta?

Fortalece a obediência à Igreja?

Estes frutos são infinitamente mais importantes do que qualquer fenómeno extraordinário.

A humildade

Este é talvez o sinal mais evidente.

Os verdadeiros santos nunca procuram protagonismo.

Aceitam as decisões da Igreja.

Obedecem mesmo quando não compreendem plenamente.

A falsa mística, pelo contrário, costuma rejeitar qualquer correção.

O fascínio moderno pelo extraordinário

Vivemos numa época paradoxal.

Muitos consideram impossível a Ressurreição de Cristo…

…mas acreditam sem dificuldade em qualquer vídeo viral sobre supostos milagres.

O Evangelho é rejeitado.

Mas centenas de mensagens anónimas difundidas nas redes sociais são aceites sem qualquer discernimento.

Existe hoje uma verdadeira «inflação de revelações privadas».

E quanto mais espetacular parece uma mensagem, mais rapidamente é partilhada.

Isto revela uma tentação permanente do coração humano:

Preferimos o extraordinário à santidade do quotidiano.

No entanto, Deus atua, na maior parte das vezes, precisamente no ordinário.

Numa boa confissão.

Numa Comunhão fervorosa.

Na oração silenciosa.

Numa vida de caridade.

O perigo das promessas automáticas

Um dos maiores perigos pastorais consiste em absolutizar certas promessas atribuídas a determinadas devoções.

É verdade que a Igreja reconhece muitas promessas ligadas a práticas devocionais aprovadas. Contudo, essas promessas devem ser sempre compreendidas no contexto da totalidade da vida cristã. Deus não instituiu mecanismos automáticos de salvação.

Não existe nenhuma oração que dispense a conversão.

Não existe nenhuma devoção que torne desnecessária a perseverança.

Não existe nenhum objeto benzido que substitua a graça santificante.

As promessas espirituais pressupõem sempre uma vida de fé, esperança e caridade. Separá-las dessa realidade significa transformá-las em superstição.

O discernimento exige paciência

A Igreja nunca tem pressa.

Por vezes passam décadas antes que seja emitido um juízo.

Porquê?

Porque a verdade não teme o tempo.

A mentira, pelo contrário, costuma precisar de publicidade imediata.

A verdade permanece.

A prudência é uma virtude profundamente cristã.

Não é falta de fé.

É sabedoria.

Maria conduz sempre a Jesus

Existe um critério particularmente belo.

Toda a aparição autêntica faz exatamente aquilo que Maria fez em Caná:

> *«Fazei tudo o que Ele vos disser.» (João 2,5)*

Nunca ocupa o lugar de Cristo.

Nunca obscurece o Evangelho.

Nunca cria um caminho paralelo.

Conduz sempre as almas para:

- a Eucaristia;
- a Confissão frequente;
- a oração;
- a penitência;
- a conversão;
- a obediência à Igreja;
- a caridade.

Se um fenómeno produz o efeito contrário, é prudente manter uma certa distância.

Como viver uma autêntica devoção no século XXI

Numa cultura marcada pela imediatidade, pelo espetáculo e pela procura constante de novidades, o cristão é chamado a cultivar uma fé madura. Isto significa acolher com amor as devoções aprovadas pela Igreja sem as absolutizar; receber com gratidão os dons

extraordinários que Deus possa conceder, sem fazer deles o centro da própria vida espiritual.

A verdadeira piedade reconhece-se pelo seu profundo enraizamento na liturgia, na leitura orante da Sagrada Escritura, na receção frequente dos sacramentos, numa sólida formação doutrinal e na prática concreta da caridade. Uma revelação privada, mesmo quando é considerada digna de crédito, só tem sentido na medida em que ajuda a viver mais intensamente estas realidades fundamentais.

A prudência cristã não extingue o Espírito Santo; pelo contrário, impede-nos de confundir a voz de Deus com as nossas emoções, os nossos desejos ou os nossos medos. O fiel não precisa de procurar continuamente experiências extraordinárias, porque já possui o maior tesouro: Cristo verdadeiramente presente na Eucaristia, a Palavra de Deus transmitida pela Igreja e a graça que brota dos sacramentos.

Conclusão: a segurança de caminhar sobre a rocha firme

O cristão não vive de rumores vindos do Céu, mas da certeza da Revelação definitiva de Deus em Jesus Cristo. As revelações privadas podem constituir uma ajuda providencial para determinadas pessoas ou para certas épocas da história, mas nunca são o fundamento da fé. Esse fundamento é o próprio Cristo, confiado à Igreja através do Depósito da Fé.

Por isso, o discernimento não nasce nem do medo nem do desprezo pelo sobrenatural, mas do amor à verdade. São Tomás de Aquino recorda-nos que a razão iluminada pela fé é uma aliada indispensável para reconhecer o bem e rejeitar o erro; e a Igreja, assistida pelo Espírito Santo, oferece os critérios seguros para percorrer este caminho.

Numa época em que abundam mensagens, profecias e promessas extraordinárias, o melhor antídoto contra a superstição continua a ser o mesmo de sempre: uma intensa vida sacramental, uma sólida formação doutrinal, uma oração perseverante e uma caridade concreta. Quem permanece unido a Cristo na Sua Igreja não precisa de procurar incessantemente novidades espirituais, porque já recebeu o maior dom que Deus poderia conceder ao mundo: o Seu próprio Filho, «o mesmo ontem, hoje e para sempre» (cf. Hebreus 13,8).

A verdadeira devoção não escraviza nem alimenta o medo; conduz à liberdade dos filhos de Deus. Não substitui a fé, mas fortalece-a. Não cria caminhos paralelos, mas conduz sempre ao mesmo destino: Jesus Cristo, único Salvador do mundo, presente na Sua Igreja até ao fim dos tempos. Ali, sobre a rocha firme do Evangelho, do Magistério e dos sacramentos, o fiel encontra uma segurança que nenhuma revelação privada poderá jamais superar.